

# Um general e juiz para a vice

As 9h30 de segunda-feira, o general Adalberto Pereira dos Santos estava em seu gabinete do Superior Tribunal Militar quando recebeu um telefonema do Palácio do Planalto informando-o de que o presidente Emílio Garrastazu Médici esperava-o para uma audiência especial dentro de duas horas. Quando chegou, foi recebido pelo chefe do Gabinete Militar, João Baptista Figueiredo, que se limitou a definir a próxima conversa como "muito importante". Pouco depois, o general deixava o palácio, onde sua presença não chegou a ser notada. Voltou para casa, almoçou e foi para o Tribunal. Em Porto Alegre já se sabia que ele era o futuro vice-presidente da República, mas até as primeiras horas da noite, quando sua casa foi cercada por repórteres, não disse uma palavra a ninguém. E quando lhe perguntaram como havia recebido a indicação, respondeu com humor e sabedoria: "Sentado".

De Taquara, município de 31 000 habitantes, 72 quilômetros ao norte de Porto Alegre, onde nasceu, seu primo Astrogildo Pereira, de 76 anos, telegrafava: "A proteção divina que te acompanha". E dizia a Luís Cláudio Cunha, de VEJA: "Isso eu já sabia, porque a minha prima sempre disse que ele ia ser presidente. Eu respondia que ele não tinha sido porque é viúvo, e os presidentes precisam de esposas". Agora, para ele, o essencial é organizar uma bonita recepção ao primo quando for visitar a pequena cidade do vale dos Sinos, próxima ao mesmo rio que, no início do século, o imigrante alemão Augusto Geisel via quando lecionava no lugarejo de Nova Teutônia.

**A comunicação** — O general Adalberto Pereira dos Santos recebeu a comunicação de que ocupará a vice-presidência, do aluno 141 do Colégio Militar de Porto Alegre, Emílio Médici. Ele era o 142. Hoje, sem dúvida alguma, é um dos amigos mais íntimos do presidente. Nunca trombeteou essa relação, como aliás nunca trombeteou coisa alguma, mas durante as horas dramáticas da Revolução de Março, quando o general Médici, comandante da Academia Militar das Agulhas Negras, coordenava seus movimentos com os conspiradores sublevados, era para o velho amigo Adalberto, então no Rio Grande do Sul, que telefonava.

Simples, e ao mesmo tempo curioso, o atual presidente do Superior Tribunal Militar foi capaz de aprender a escrever "Senhorita, eu te amo" em chinês, com um colega de Fort Knox, para acompanhar a carta com que pediu a mão da namorada Julieta. Sem filhos, desde sua morte vive só, lendo Eça de Queirós, ou-

vindo árias de Rossini ou Verdi e, eventualmente, acompanhando novelas pela televisão. Em sua carreira militar, conspiciu o número de vezes suficiente para tornar-se, em 1964, um revolucionário histórico. Às vezes, foi levemente desastreado, como em 1945, quando, na véspera da queda de Getúlio Vargas, foi a um quartel confabular com outro oficial, Vicente de Paulo Dale Coutinho, e os dois foram fotografados pelo "Correio da Manhã". No dia seguinte, quando José Linhares já ocupara a Presidência, ele perguntou a Dale se vira o jornal: "Vi. Se não tivesse dado certo queria saber a esta hora onde nós estávamos".



Pereira: a ambição é ser bom

**O revolucionário** — Em 1964, mesmo sem fotos, não faltou um documento, atualmente em poder do ex-governador Luiz Vianna Filho, biógrafo do ex-presidente Castello Branco. Num pequeno bilhete, datado de 31 de março, o então chefe do Estado-Maior do Exército comunicava ao colega os objetivos da Revolução iminente. Suspeito aos olhos do janguismo, Adalberto Pereira dos Santos foi exonerado de seu comando e, com os hoje generais Carlos Alberto Fontoura e Ângelo Irulegui Cunha, foi resistir em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul.

Por duas vezes foi cogitado para ministro da Guerra, mas nunca seu nome foi envolvido nas tão frequentes articulações políticas e militares da Revolução. Mesmo sua posição clara a favor da edição do AI-5, em dezembro de 1968, quando era chefe do Estado-Maior, não

foi acompanhada por qualquer pronunciamento público. Com a discrição que usou nas ocasiões em que julgou ser necessário apertar os mecanismos jurídicos do país, também pôde ser considerado um juiz brando no STM. Depois de treze anos de serviços em estabelecimentos de ensino militar, trabalhando com jovens o general confessou, há alguns meses, que, sem poder sair dos autos, sempre que podia, levava em conta a idade dos réus para aplicar penas por crimes contra a segurança nacional.

A sua atitude diante da indicação de Médici talvez seja a melhor demonstração da simplicidade de seus hábitos. Durante toda a semana continuou mantendo sua rotina, jantando com amigos, sem qualquer cerimônia, recebendo todos os que o procuravam e respondendo, freqüentemente com humor, às perguntas dos jornalistas. Na verdade, ele confessa que foi capaz de guardar por algum tempo uma garrafa de vodca russa pelo fato de não saber como tomá-la. Com a mesma naturalidade, relembra os dias da guerra na Itália, onde se protegeu de um bombardeio numa casa que acabou atingida, fazendo com que tivesse de buscar abrigo num "bunker" alemão abandonado, mesmo sabendo que podia ser vítima das armadilhas que seus antigos ocupantes deixavam na retirada.

**Vaga no STM** — Segundo o Almanaque do Exército, onde é o primeiro da lista de oficiais-generais, Adalberto Pereira dos Santos nasceu em abril de 1905. Agora, com sua escolha para a vice-presidência, deverá abrir-se uma vaga no STM que será preenchida por algum general de quatro estrelas. Provavelmente, irá para seu lugar algum dos três generais que chegam à compulsória em novembro\*. Para o general Adalberto, deixar a carreira militar não será tão traumático, pois o STM, de certa forma, representou uma fase de transição.

Sua indicação parece ter sido o resultado de um entendimento ocorrido entre o presidente Médici e seu futuro sucessor, Ernesto Geisel. E, antes mesmo que os dois integrantes da chapa da Arena tivessem um contato formal, ressurgiu na Câmara e no Senado a teoria de que o

\* Na semana passada deixou o serviço ativo o general-de-exército Isaac Nahon. Ainda este ano, chegam aos prazos limites de permanência no posto os generais Arthur Duarte Candal da Fonseca, Rodrigo Octavio Jordão Ramos e Breno Borges Fortes. É a seguinte a lista dos dez primeiros generais-de-divisão no Almanaque: Aloysio Guedes Pereira, Ramiro Tavares Gonçalves, Reynaldo Mello de Almeida, Ednardo d'Ávila Mello, Euler Bentes Monteiro, Adolpho João de Paula Couto, Fritz Azevedo Manso, Jayme Portella de Mello, Venitius Nazareth Nottare e Moacyr Barcellos Potyguara.



LEONID STRELIAEV

A casa de sua infância em Taquara



O cadete Adalberto, em 1921, com os irmãos e os pais, Urbano e Otilia

novo vice-presidente deve receber de volta a prerrogativa de presidir o Congresso Nacional. Essa prática, que vigorou até o início do governo Costa e Silva, quando, pela Constituição e pelo regimento das duas Casas do Parlamento, a função de presidente do Congresso era quase decorativa, parece difícil de ser reabilitada. Inicialmente, a idéia coube ao senador Daniel Krieger, mas o líder do governo, Petrônio Portella, argumenta que atualmente boa parte das decisões legislativas são tomadas em sessões conjuntas, o que acrescenta algumas singularidades à função. Além disso, essa medida só poderia ser determinada por uma reforma constitucional, e parece bastante difícil que o atual governo, ou o próximo no início de seu mandato, toque na Constituição ou em algum de seus anexos.

**Discrição e contatos** — De qualquer maneira, mesmo com um temperamento bem mais extrovertido que o do general Geisel, Adalberto Pereira dos Santos, em sua primeira semana como indicado, não ofereceu maiores informações a respeito do que pretende fazer até março. Gentilmente, evitava as perguntas ou dava respostas que não permitiam maiores especulações. Parece provável que venha a manter longos contatos com Geisel. E, quanto ao que pretenderá fazer no cargo, ele mesmo anunciou, no STM: "Não sou nenhum luminar, como todos os senhores sabem. Não sou excepcional nem em inteligência nem em cultura. Sou simplesmente um homem normal. E sempre tive um desejo. Posso dizer, um ideal: eu quis sempre ser bom na minha profissão. Um bom estudante, um bom oficial, um bom comandante, um bom chefe, um bom ministro. Penso, e penso em Deus, que possa ser também um bom vice-presidente".



Na Vila Militar, em 1965, com os generais Mamede, Sardenberg e Castilho



Em março passado, o ministro Pereira dos Santos assumiu a presidência do STM